

Os autores combinam pensamento crítico e criação imaginativa em reflexões que mobilizam referências diversas — como povos indígenas, passado pré-industrial, socialismo e automação — para discutir temas como mobilidade, trabalho, dinheiro, saúde, cuidado, tempo e riqueza. Criam, assim, condições para propostas que escapam ao repertório resignado de um futuro ausente, partindo da ideia de que a escassez é construída socialmente, que o trabalho compulsório deixou de ser necessidade histórica, que a riqueza coletiva poderia circular pela lógica da reciprocidade, que a gratuidade — longe de utopia ingênua — é uma experiência cotidiana já presente nas relações de afeto.

Em tempos de crise, nos quais as alternativas propostas parecem repetições de fórmulas envelhecidas, *Imaginações pós-capitalistas* convida o leitor a cultivar a imaginação como prática política, mostrando como o próprio exercício de imaginação coletiva é um primeiro passo para a transformação.

Imaginar juntos acende a luz do otimismo. Sabemos dos limites da imaginação, mas também experimentamos sua potência. O caráter coletivo da prática subverte sentidos comuns, criando outros no lugar, só que subversivos. A imaginação amplia o campo da experiência: imaginar mais do que se vive e do que se pode amplia o campo do que se vive e do que se pode. Logo, outra forma social já não parece impossível. E, na realidade, soa razoável. Absurdo não é o que se imagina para além do capital, mas sim o real existente.

REALIZAÇÃO
CULT SP

Secretaria da
Cultura, Economia e Indústria Criativas

afluentes **ação educativa**

PARCERIA
Coletiva

COLEÇÃO
QUE HORAS SÃO?



hedra

IMAGINAÇÕES PÓS-CAPITALISTAS

FABIO DOS SANTOS, JOSÉ GUEDES E THAIS PAVEZ (ORGS.)



FABIO LUIS BARBOSA DOS SANTOS, JOSÉ PAULO
GUEDES PINTO E THAIS PAVEZ (ORGS.)

hedra

Seria possível um mundo em que as pessoas acessem o que precisam sem pagar? E se o tempo deixasse de ser governado pelo dinheiro? E se a política voltasse a ser uma prática cotidiana, que se dá nos encontros, no dia a dia de uma vida compartilhada? *Imaginações pós-capitalistas* é um livro aberto ao desafio de imaginar um futuro sem capitalismo, partindo do reconhecimento de que a indústria cultural, bem como as urgências da vida cotidiana, colonizam a sensibilidade, limitam a criatividade e restringem nosso horizonte de futuro. Na contramão de certo lugar-comum da crise social contemporânea — de que é mais fácil imaginar o fim do mundo que o fim do capitalismo —, esta obra troca o fatalismo pelo exercício ativo da imaginação como arma política.

Afinal, imaginar pode ser muito mais que um ato solitário ou um devaneio alheio ao real: pensar coletivamente amplia o campo do possível e revela como futuros desejáveis podem brotar da análise da mesma realidade que confina a capacidade imaginativa e naturaliza o capitalismo como fatalidade.

Imaginações pós- -capitalistas

copyright © Fabio Luis Barbosa dos Santos, José Paulo Guedes Pinto e Thais Pavez
edição brasileira © Hedra 2025
organização © Fabio Luis Barbosa dos Santos, José Paulo Guedes Pinto e Thais Pavez

edição Jorge Sallum e Felipe Musetti
coedição Paulo Henrique Pompermaier
preparação Solange Mayumi Lemos
revisão Hedra
projeto da capa Ronaldo Alves
imagem da capa Reprodução da obra *Desanistiar a Terra, Reflorestar a palavra*, de Hal Wildson
ISBN 978-65-89705-84-0

Todos os sites indicados nas notas de rodapé estão com endereços encurtados e foram acessados em junho de 2025.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Imaginações pós-capitalistas
Fabio Luis Barbosa dos Santos. – São Paulo : Editora Hedra, 2025.
336 p. ; 12,6 cm x 19,2 cm. – (Que Horas São?)

ISBN 978-65-89705-84-0

1. Tecnologia. 2. Tecnologia digital. 3. Inteligência artificial.
4. Plataformas digitais. 5. Algoritmos. 6. Política. 7. Guerra. 8. Tecnologia
bélica. 9. Lógica da guerra. I. Título. II. Série.

Índices para catálogo sistemático:

Direitos reservados em língua portuguesa somente para o Brasil.

EDITORA HEDRA LTDA.
R. Sete de Abril, 235, cj. 102
01043-904 São Paulo SP Brasil
Telefone/Fax +55 11 3097 8304
editora@hedra.com.br
www.hedra.com.br

afiluentes  **ação 18 educativa**

 **PARCERIA CCB**

REALIZAÇÃO CULTSP

Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas **SÃO PAULO**

Imaginações pós- -capitalistas

Fabio Luis Barbosa dos Santos, José Paulo
Guedes Pinto e Thais Pavez (orgs.)

1ª edição

hedra

São Paulo 2025



Publicação produzida com recursos provenientes do Termo De Fomento Nº 17/2024 Processo SCEC-PRC-2024-00158-DM- Demanda 68001, UGE 120101, referente ao projeto, "Uma Cultura Ecológica em um Mundo Sustentável", oriundo da emenda parlamentar 202407058920.



Coletivo 660:
Chico Whitaker
Pe. Dário Bossi
Janaina Uemura
Jorge Abrahão
José Corrêa Leite
Juliane Cintra de Oliveira
Luiz Marques
Mauri Cruz
Moema Miranda
Oded Grajew
Salette Valesan
Sérgio Haddad
Stella Whitaker

Imaginações pós-capitalistas nasce de um exercício coletivo de pensar um mundo livre das relações capitalistas. Partindo da constatação de que a indústria cultural e a experiência cotidiana individual limitam nossa capacidade de conceber o fim do capitalismo para além de uma simples regressão histórica, distopia ou apocalipse, os autores combinam pensamento crítico e criação imaginativa para revelar que a escassez, o trabalho compulsório, o valor e o dinheiro, por exemplo, são construções sociais que podem ser superadas. Em diálogo com referências diversas — povos indígenas, passado pré-industrial, experimentos socialistas e a automação contemporânea —, o livro investiga como futuros desejáveis podem brotar da análise das contradições presentes, propondo formas de vida baseadas na reciprocidade, no cuidado, no comum e na gratuidade. Além disso, revela a potência da imaginação coletiva, que amplia o campo do possível, desnaturaliza o capitalismo e expande os horizontes da política. Não se trata de oferecer modelos prontos, mas de acender o desejo e a capacidade de conceber outros mundos e, com isso, abrir caminhos concretos para ultrapassar os limites da ordem existente.

Fabio Luis Barbosa dos Santos é professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e do Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo (Prolam-USP). Com Daniel Feldmann, escreveu *O médico e o monstro: uma leitura do progressismo e seus opostos* (Elefante, 2022). Autor de *Uma história da onda progressista sul-americana* (Elefante, 2021), entre outros livros. Participa do Berta Coletivo Latinoamericanista.

José Paulo Guedes Pinto é economista e professor da Universidade Federal do ABC (UFABC), da pós-graduação em Economia Política Mundial (UFABC) e foi pesquisador visitante da London School of Economics (LSE). Fez amplo trabalho na Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade de São Paulo (ITCP-USP) e no Núcleo de Economia Solidária da Universidade de São Paulo (Nesol-USP), fundou e militou em coletivos como A Epidemia (pela liberdade do conhecimento) e Ecologia Urbana. Suas pesquisas exploram temas como transições para sociedades sustentáveis e trabalho e renda no pós-capitalismo, sempre buscando conectar os estudos acadêmicos com práticas sociais e políticas públicas. Participa e coordena diversos projetos e publicações que visam repensar a economia em bases mais inclusivas e solidárias.

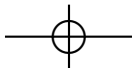
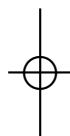
Thais Pavez é pesquisadora do Centro de Estudos dos Direitos da Cidadania (Cenedic) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). É mestre e doutora em Ciência Política pela USP. Atuou como professora colaboradora no Departamento de Ciência Política da USP (2020–2021) e no Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Estadual Paulista, campus de Marília (2016–2018). Sua pesquisa concentra-se no imaginário político, e é coautora de estudos na América Latina com ênfase em dinâmicas contemporâneas da extrema direita e subjetividades políticas, e juventudes. Integra o Coletivo *Desmedida do possível*, dedicado ao estudo de crises contemporâneas e alternativas.

Sumário

Introdução	13
I ALÉM DO PROGRESSO.	25
1 IAX e a revolução vegana, <i>por Nanda Cury</i>	27
2 Existe um futuro sem supermercados?, <i>por João Peres</i>	37
3 O fim dos combustíveis fósseis e a produção de alimentos, <i>por Carlos Alberto de Sousa Cardoso, Greyce Kelle Fidelis Paulino e Luana Leocádio da Silva</i>	47
4 Cotidiano na cidade (filme), <i>por Isaac Ferreira e Maria Luisa Peres</i>	57
5 Um passo para fora das metrópoles, <i>por Thiago Canettieri</i>	61
6 Das cidades abissais à imaginação urbana pós-capitalista, <i>por Pedro Fiori Arantes</i>	67
7 Pelo fim das catracas no transporte público coletivo, <i>por Daniel Santini</i>	79
8 É possível um futuro (quase) sem mineração?, <i>por Beatriz Macchione Saes e Andrea Lampis</i>	89
9 Transição energética, <i>por Daniel Cunha</i>	99

10	Futuro sem desenvolvimento, <i>por Thiago Canettieri</i> . .	107
II	ALÉM DO ESTADO.	113
1	É possível um mundo sem prisões?, <i>por Paula Nunes Mamede Rosa e Marcela Diorio</i>	115
2	Dá para todo mundo ter casa própria no Brasil?, <i>por André Dal’Bo</i>	123
3	Deseducar no capitalismo para uma educação pós-capitalista, <i>por Marian Dias e Débora Goulart</i>	131
4	Por outra determinação social da saúde, <i>por Diego de Oliveira Souza</i>	139
5	Existirá Estado após o capitalismo?, <i>por Ana Sylvia Maris Ribeiro</i>	147
III	ALÉM DO TRABALHO.	155
1	É possível trabalhar pouco, com prazer e ter uma boa vida?, <i>por José Paulo Guedes Pinto e Guilherme Prado</i>	157
2	Empreender no pós-capitalismo, <i>por Henrique Costa</i>	163
3	A vida pode ser improdutiva?, <i>por Fabio Luis Barbosa dos Santos</i>	171
4	É possível produzir não-mercadorias?, <i>por Daniel Feldmann</i>	181
5	Bitcoin, dinheiro e dominação, <i>por Lévio Scattolini</i> . .	191
6	Aplicativos podem servir ao socialismo?, <i>por Rodrigo Santaella Gonçalves</i>	199

7	Experimentações tecnopolíticas face à colonização digital, <i>por Henrique Parra</i>	207
IV	PURA VIDA.	217
1	Ideias para tornar o tempo nosso amigo, <i>por João Paulo Pimenta</i>	219
2	Como seria o futebol fora do capitalismo?, <i>por Fabio Luis Barbosa dos Santos</i>	227
3	Crônica dos jogos e sonhos pós-capitalistas, <i>por Thais Pavez</i>	237
4	As drogas no futuro, <i>por Henrique S. Carneiro</i>	249
5	Espiritualidade e cristianismo no pós-capitalismo, <i>por Carlos Alberto Cordovano Vieira</i> ..	257
6	Perspectivas da nossa saúde mental, <i>por</i> <i>Clarice Pimentel Paulon</i>	265
7	As famílias e as relações afetivas num mundo pós-capitalista, <i>por Renan Quinalha</i>	273
8	Moda pós-capitalista, <i>por Giulia Batista</i> <i>Mingrone e Renata Xu Gao</i>	279
9	A arte, depois disso tudo, <i>por Paula Braga</i>	291
10	Era uma vez como se fosse raça, <i>por Douglas Barros</i> .	299
11	Apoena e Iowa, <i>por Taylisi de Souza Corrêa Leite</i>	305
	Sobre os autores	323



Dentro do capitalismo, não há solução para a vida
Fora do capitalismo há incerteza, mas tudo é possibilidade
Nada pode ser pior que a certeza da extinção

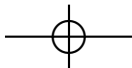
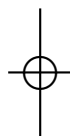
Quando eu não era vítima das tentações deste mundo
dedicava minhas noites a imaginar outros mundos
um pouco com ajuda de vinho e mel

Não há nada melhor que imaginar outros mundos
para esquecer o quanto é doloroso este em que vivemos
Pelo menos eu pensava assim naquele momento
Ainda não compreendera que imaginando outros mundos
acabamos por mudar também o nosso

Poema-colagem *Emergência*,

Ana Esther Ceceña, Umberto Eco e Thiago Reis Vasconcelos.

Peça *Emergência*, Companhia Antropofágica de Teatro



Introdução

FABIO LUIS BARBOSA DOS SANTOS

JOSÉ PAULO GUEDES PINTO

THAIS PAVEZ

I

“É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo.” Será que um livro sobre imaginação pós-capitalista não poderia começar menos clichê?

Isso depende. Porque imaginar é um paradoxo. A matéria-prima da imaginação são fragmentos do que existe ou do que já existiu. Mas se a imaginação não for além do que existe ou já existiu, então não é imaginação. Imaginar é partir do existente para criar outras existências.

E qual a matéria-prima para imaginar além do capital no nosso mundo?

A partir de uma série de oficinas com jovens na Grande São Paulo, os organizadores desta obra chegaram a uma “bússola” com quatro pontos cardeais: o sul são os povos indígenas; a oeste está o passado pré-industrial; a leste, o experimento cubano.

Mas o “norte” do imaginário contemporâneo é dado pela indústria cultural. Quando se desafiam a imaginar um mundo pós-capitalista, as principais referências que vêm à mente dos jovens são filmes como *Mad Max*, seriados como *Last of Us* ou videogames como *Stardew Valley*. Isso não é uma crítica: é um dado da realidade. E esse dado nos ajuda a entender três traços da imaginação pós-capitalista na atualidade.

O primeiro é que o fim do capitalismo só parece possível por meio de algum acontecimento apocalíptico, como uma guerra, uma pandemia ou uma crise climática. É como se a humanidade fosse incapaz de dismantelar o mundo do capital por conta própria e construir outra coisa no lugar. Outro mundo só poderia surgir após uma destruição impensada da humanidade, e não como uma construção pensada pela própria humanidade. Só parece possível depois de depararmos com o fim – e não como um processo consciente para evitar o fim.

Em segundo lugar, se o fim do capitalismo é vislumbrado como um acontecimento apocalíptico, então esse futuro implica uma espécie de retorno ao passado. O pós-capitalismo aparece associado à vida no campo e à pequena escala: no limite, é uma regressão da sociedade industrial. É muito diferente do imaginário soviético hegemônico na esquerda no século xx. Por outro lado, veremos que a inteligência artificial estimula a imaginar um mundo livre do trabalho, o que também é diferente do imaginário soviético.

O terceiro traço é que, visto com as lentes da indústria cultural, um futuro pós-capitalista não emerge como algo melhor. Ao contrário, depois do apocalipse, os males de uma sociedade egoísta e concorrencial são logo recriados. É como se a natureza humana não se modificasse em outra ordem

social. A mensagem é clara: não adianta mudar o mundo, porque o ser humano não muda. E, se a mudança for radical, a piora também será radical.

Desse modo, identificamos nosso ponto de partida: se o fim do capitalismo parece tão ou mais aterrorizante que o fim do mundo, é compreensível que seja mais fácil imaginar este último.

II

Isso revela que imaginação também é cultura. Nesse caso, seria possível cultivar outra imaginação? E será que outra imaginação ajudaria a expandir as fronteiras da política?

Este livro é um exercício e um instrumento para uma pedagogia da imaginação.

Vários dos temas abordados foram discutidos com turmas de estudantes secundaristas e com universitários da Universidade Federal do ABC (UFABC) e da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) ao longo de encontros semanais. No último caso, esses encontros tinham uma metodologia comum, desdobrada em quatro momentos que, em geral, se misturavam.

A proposta mais ampla era a de um exercício das faculdades críticas e imaginativas, fazendo com que ambas se interpenetrassem. A partir de perguntas hoje fora do comum – você já imaginou uma sociedade pós-capitalista? –, a ideia do exercício era explorar desejos de mudança e potencialidades utópicas nos meandros da experiência cotidiana.

O ponto de partida era a vivência de cada um. Por exemplo: como é sua experiência de mobilidade urbana? Como é sua relação com a cidade? Como é sua relação com a saúde?

Em um segundo momento, colocava-se a dimensão social do problema: por que a mobilidade urbana é assim? Quem ganha com isso? Em seguida, discutia-se o que era possível fazer para mudar essa situação: como melhorar a mobilidade urbana – ou a cidade, ou a saúde pública?

Até aqui, os estudantes estavam no terreno familiar do pensamento crítico. Então, adicionava-se outra dimensão: o que lhes parece impossível, mas seria desejável fazer para mudar tal situação? O que fazer na sociedade para modificar esse estado de coisas? Como você imagina essa questão (a mobilidade, a cidade ou a saúde) em uma sociedade pós-capitalista?

Nesse exercício, revelou-se o poder de pensar juntos. Nos demos conta de que o pensamento coletivo não é a soma de pensares individuais. O coletivo produz pensares originais aos quais ninguém chegaria sozinho. Como gravetos em fricção que fazem fogo, a interação dos pensares produz ideias, perguntas e olhares luminosos.

Por exemplo: ao discutir a mobilidade urbana, percebeu-se que havia duas formas de abordar o problema. A primeira seria aprimorando a qualidade do transporte. A segunda seria diminuindo a necessidade de deslocamento das pessoas. Como disse alguém, “as pessoas se deslocam porque buscam uma vida melhor. São como os migrantes, só que todo dia”.

Um raciocínio análogo se aplica à saúde: é possível (e necessário) melhorar os equipamentos de saúde. Mas o que aconteceria se mudássemos a estrutura adoecedora da sociedade? Problemas de saúde mental de uma vida acelerada, lesões no trabalho, doenças por falta de saneamento básico, acidentes de trânsito, pandemias por desequilíbrios ecológicos estão entre os males que entrariam em extinção. A pró-

pria noção de saúde se modificaria: “não haveria distúrbios alimentares nem maluco da academia, não haveria doenças do trabalho nem esquistossomose”.

A energia e os recursos sociais alocados para o tratamento de doenças diminuiriam muito, simplesmente porque haveria muito menos doenças.

III

Descobrimos que imaginar pode ser um esporte coletivo, e não individual. E, assim como o pensar, é algo que se exercita. E, como todo exercício, nossa capacidade se desenvolve com a prática. Também nesse sentido, imaginar é cultura.

Mas, se a imaginação aplicada à política pode ser comparada a um esporte, todo esporte exige técnica. Para dar forma à sensibilidade imaginativa, é preciso apurar o pensamento crítico. Porque é nas contradições do existente que se vislumbra o potencial de mudança radical.

Para dar outro exemplo discutido coletivamente: nossa sociedade está ancorada na concorrência pelo trabalho. É um mundo onde quem tem trabalho, trabalha muito, enquanto muitos não têm trabalho. Em lugar de todos se enfrentarem na concorrência, não seria mais razoável que todos trabalhassem, só que menos?

É possível abordar o mesmo problema por outro ângulo. Dinheiro não falta no mundo, mas ele está concentrado na mão de poucos. Se o dinheiro fosse mais bem distribuído, não seria possível garantir uma renda mínima universal? E se todo mundo tivesse renda universal e passasse o dia criando? Em termos financeiros, isso seria possível. Mas, se as pessoas não fossem obrigadas a trabalhar, quem trabalharia? E o que

as pessoas fariam se tivessem dois dias de trabalho e cinco de descanso? Passariam o dia maratonando séries ou jogando videogame?

O que esses dois pensares revelam – um pelo lado da produção e o segundo pelo lado da circulação – é que o trabalho deixou de ser uma necessidade social. A sociedade não precisa de todo mundo trabalhando para produzir o que consome. Tecnicamente, daria para todos trabalharem menos. Teoricamente, daria para todos terem dinheiro. Mas isso subverteria a sociedade, a forma como ela funciona na atualidade. Em outras palavras, a escassez (de trabalho, de dinheiro, de comida) é hoje uma construção social: ela deixou de ser um princípio da realidade para se tornar uma forma social de dominação.

No seu avesso, a possibilidade de uma renda universal revela que o que impede a riqueza social de servir às pessoas é justamente o dinheiro. Em outras palavras, se não fosse necessário dinheiro (se a medida das coisas não fosse o valor), as pessoas teriam acesso direto à riqueza que a sociedade hoje produz em abundância.

Então, será que, em lugar de estimular uma renda mínima universal, não seria possível extinguir o valor? Ou seja, construir trocas sociais que não exijam mais dinheiro (que é a medida do valor)? É possível imaginar uma sociedade em que tudo fosse grátis?

Imaginar implica criar imagens. Mas as imagens do pós-capitalismo do passado já não inspiram o futuro. Entretanto, ainda é mais fácil imaginar um estado operário-camponês do que uma sociedade sem Estado; imaginar a propriedade estatal do que o comum que não tem dono; imaginar a distribuição do dinheiro do que um mundo grátis.

IV

Vamos insistir neste ponto: seria possível imaginar que as trocas sociais não passem pelo valor? Dá para imaginar um mundo grátis?

O pensamento nem sempre resolve problemas, mas pode abrir caminhos para a imaginação que precisa ser criada. Nesse espírito, sigamos a linha de pensamento dos estudantes sobre a troca.

O capitalismo é baseado em trocas. Mas não é só o capitalismo: as pessoas também esperam troca nas relações afetivas. Só que, nesse caso, a troca não é mercantil. Nos afetos, não se paga por um serviço, e a troca acontece porque existe uma conexão entre as pessoas. Se eu passo uma semana com a amiga que foi operada no hospital, é razoável esperar que ela faça algo por mim no futuro. Mas não está claro quando isso acontecerá nem como. E se ela nunca tiver ocasião de retribuir “na mesma moeda”, não tem problema.

Diferentemente da troca mercantil, que é uma troca de equivalentes (tanto dinheiro por tanta mercadoria), as trocas afetivas não são equivalentes. Talvez a amiga nunca me acompanhe ao hospital. Talvez ela se mude e nunca nos reencontremos. Mas talvez ela faça algo maior por um filho meu, e eu nem fique sabendo.

O certo é que nem eu nem ela temos como saber, mas isso não importa. Porque diferentemente de uma relação mercantil, em que se trocam equivalentes no ato, as relações afetivas são gratuitas no momento em que o afeto circula. Eu não vou ao hospital porque quero algo em troca, mas porque um afeto nos conecta. Inconscientemente, acredito que pode haver retribuição um dia – mas não há como ter certeza

nem como cobrar. Diferentemente do mercado, relações de reciprocidade envolvem trocas não equivalentes e gratuitas que acontecem ao longo da vida.

O regime do afeto é diferente do da mercadoria. O afeto genuíno não pode ser comprado e sua circulação é regulada pelo cuidado: damos quando o outro precisa e recebemos quando precisamos. E essas trocas gratuitas baseadas em conexões afetivas alimentam a vida de sentido.

Será que as relações econômicas não poderiam se basear na reciprocidade? Receber gratuitamente o que se precisa, para retribuir como puder ao longo da vida? Afinal, como disse uma estudante, “o nosso valor é a experiência de vida”.

Claro que essa revolução envolve muitos desafios. São desafios do tamanho de imaginar e construir outra ordem social. Mas por que isso não seria possível? Atualmente, a esfera do cuidado tem sido colonizada pela lógica mercantil. Não seria possível o movimento contrário, em que o cuidado colonize a economia?

v

O pensamento crítico abre veredas para a imaginação, e vice-versa. Mas a linguagem por excelência do pensamento são as palavras, enquanto a imaginação convoca imagens. São linguagens que se alimentam, mas não se reduzem uma à outra.

Para exercitar o imaginário, os estudantes foram convidados a produzir algum suporte imagético para ilustrar um futuro pós-capitalista. Neste livro, a riqueza desse tipo de produção se reduz a amostras. Surgiram vídeos, TikToks, cartazes, fotografias, desenhos, pinturas, quadrinhos e até um *book* de fotos imaginando a moda pós-capitalista. Também fo-

ram criados músicas, contos e *podcasts* em exercícios que mobilizam outras linguagens, embora não produzam imagens.

Tal criação nem sempre foi fácil. Muitos relataram dificuldade em transitar do pensamento para a imagem. Quem produziu um conteúdo de mídia social se deu conta de que, muitas vezes, isso exigia uma simplificação. Algumas linguagens desfavorecem o pensamento complexo. Será que isso favorece a extrema direita nas mídias sociais? Talvez. Mas nosso buraco é mais embaixo. Pois, se não cultivarmos imaginações emancipatórias, sequer teremos o que comunicar.

Diante do desafio da imagem, houve quem recorresse à inteligência artificial. Então deparamos com outra questão: se a inteligência artificial produz respostas baseadas no saber existente, até que ponto ela ajuda a pensar o que ainda não existe? Suas imagens de uma “cidade pós-capitalista” se basearão num imaginário futurista clichê, como o desenho dos *Jetsons* ou *Rick and Morty*.

Mas e se a humanidade precisa ir contra a noção de progresso que está na base desse futurismo clichê, para ter um futuro real? Afinal, foi o progresso que nos levou a uma catástrofe ambiental. Diante dessa realidade, o imaginário progressista do futuro se tornou obsoleto.

Por outro lado, a inteligência artificial permite visualizar a obsolescência do trabalho tal como o conhecemos. A vida poderia ser democrática como na Grécia Antiga (um fragmento do que já existiu), só que, no lugar dos escravos, quem trabalharia seriam as máquinas (um fragmento do que existe). Esta reflexão surgiu no último encontro com estudantes da Unifesp e ilustra uma dinâmica que se percebeu na nossa prática: na medida em que o coletivo “entra em forma”, imaginar fica mais fácil e a imaginação se expande.

A imagem de uma Grécia com inteligência artificial remete a outra questão que emergiu nas primeiras discussões: “e se todo mundo tivesse renda universal e passasse o dia criando?”. Embora similar, o problema reapareceu vários encontros depois, em outro patamar. Diante da automação da produção, o cerne da discussão deixou de ser o dinheiro. Por outro lado, a remissão à Grécia sugere que o tempo liberado do trabalho será dedicado à vida em comum, em lugar de maratonar séries. As pessoas poderão participar das decisões sobre a própria vida e a democracia se divorciaria do Estado. As artes e a filosofia floresceriam, assim como o esporte.

Vislumbra-se um mundo em que as pessoas até trabalhariam, mas tão pouco e de modo tão diferente que esse fazer teria outro nome. O esvaziamento da concorrência de todos contra todos colocaria todos fazendo em comum. A vida se desaceleraria e a política, as artes, a filosofia e o esporte seriam para quem quisesse. O tempo não seria comandado pelo dinheiro e nem teria preço, porque nada teria preço.

Novamente, emerge a questão da gratuidade: como transitar para um mundo em que as pessoas têm acesso ao que precisam sem pagar? Num primeiro momento, supõe-se uma corrida para estocar, já que as pessoas estão condicionadas pela escassez. E depois? Na medida em que fique para trás uma vida modulada pelo trabalho, pela concorrência e pela escassez, a cultura mudará. Como disse uma estudante, “imaginar outra sociedade vem com imaginar outras pessoas”. Porque a natureza humana muda quando muda a história.

Quais instituições e culturas podem embasar essa mudança? Ao discutir a passagem de um mundo condicionado pela escassez para um mundo da gratuidade, nos vimos pensando o problema da transição. Distante do ponto de partida

da imaginação pós-capitalista dado pela indústria cultural, discutíamos como as pessoas podem construir outras formas de vida. Ao longo desse percurso, saímos do regime do apocalipse e voltamos para a história.

Não é coincidência que os textos aqui reunidos e o exercício reflexivo e imaginativo com os estudantes foram entremeados por duas linhas: tempo e espaço. Ambas davam a passagem de abertura a um outro mundo, com novos eixos. Qual é a escala dessa outra sociedade? É a cidade, a comunidade? Como seria vivido o cotidiano num tempo fora do relógio e do calendário do capital?

VI

Imaginar juntos acendeu a luz do otimismo. Sabemos dos limites da imaginação, mas também experimentamos sua potência.

Todos que a praticaram imaginaram mais do que no começo. E o caráter coletivo da prática subverteu sentidos comuns, criando outros em seu lugar, só que subversivos. Nos demos conta de que a imaginação amplia o campo da experiência: imaginar mais do que se vive e do que se pode amplia o campo do que se vive e do que se pode. Logo, outra forma social já não parecia impossível. E, na realidade, soava razoável. Absurdo não era o que se imaginava para além do capital, mas sim o real existente.

Chegou-se à conclusão de que “o capitalismo é um meme” – uma ideia ou comportamento que passa de uma geração a outra, por meio da imitação. O que sustenta o sistema é justamente o oposto da sua adesão pensada, cons-

ciente. Daí a força desestabilizadora da crítica imaginativa que se propõe. Daí, também, o seu poder de encantamento.

Este livro deve ser visto como um trabalho em andamento, e não como uma obra acabada. Seu objetivo é servir como ponto de apoio para intervenções que busquem expandir a imaginação para além do capitalismo. Alguns textos foram reformulados a partir do diálogo com os estudantes. Outros textos, imagens e áudios foram criados pelos próprios jovens. Gostaríamos de ter rediscutido ainda mais textos para que refletissem os processos coletivos. Também almejamos que essas produções transcendessem o ambiente acadêmico.

Isso não conseguimos fazer, ainda. Quem sabe estes textos motivem exercícios imaginativos que cheguem muito além do que este livro alcança? Nesse sentido, a publicação é uma admissão dos nossos limites. Mas também é um apelo para quem está insatisfeito com os horizontes da política atual, para que nos engajemos em expandi-la.

A gente só pode imaginar o que não existe, caso contrário não seria imaginar. Mas, como lembra Castoriadis, por meio da imaginação podemos nos relacionar com o que ainda não existe. E a partir do momento em que imaginamos, é possível desejar aquilo que se imagina.

A partir de então, o que se imagina existe enquanto potência. Por isso, a imaginação é uma força política. Por isso, precisamos cultivá-la.